

Filho Sua Capitao-tenente Lucas Boiteux

Nesta

Hebdomadário
veritico
e noticioso

A CRISE

Publicação
semanal

*offerece
o autor*

ANNO I

Florianópolis—Domingo, 11 de Agosto de 1918.

Nº. 12

 EXPEDIENTE
ASSIGNATURA MENSAL 400 RS.

— Pagamento adiantado —

NUMERO AVULSO 100 RS.

As pessoas a quem enviarmos este numero do nosso jornal serão consideradas assignantes, se não o devolverem breve.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção d'«A Crise», Rua Anuita Garibaldi, nº. 16.—Nesta.

Ao posto!

Caramba! Arre!... até que enfim! Já me julgavam morta... Chegaram mesmo a querer enterrar-me... viva!!!

Mas diz o risão: «o bom filho á casa paterna torna»; e eis porque me acho de volta; sou, pois, bôa filha, bôa mãe, bôa amiga e—valha a verdade—bôa confidente também.

** Os *bebedores* ficam mal de mim? Que me importa isso? Nós, bôos de couces nem de ponta-pés, que só mostram nada de delicado nem de... ah!

Portanto, deixem s correr o barco. Serei sempre a mesma galhofeira.

E basta.

A Crise

ANNO I



Completa *A Crise* seu anniversario natalicio o nosso querido Britto, ao qual pela passage da data tão feliz para os seus amigos, juntou-se entre os outros muito votos de felicidades os nossos também.

Pegando... nada

No jardim, Vinha, vagaroso, pausado e garbosamente certo *jornalista*, passando pelo jardim Oliveira Bello.

N'um banco, sentadas, estavam algumas moças, que, mal avistaram o nosso herói, o celeberrimo director do *pega jolices*, puzeram-se a rir.

— Nós, como curiosos que somos... e muito—nos approximámos d'ellas...

E não tardou muito que as ajudassemos a galhofeira. Sabem porque?

E que as moças, a cada passo do insigne *escriptor* e *jornalista*, promotor de *pic-nics*, (a 500 rs. a quota) contavam bixinho e cadenciadamente:

— Um... dois... e... tres... um... dois... e... tres...

E, certinho da Silva, o nosso herói acompanhava a cadencia, como si ouvisse rufar d'un tambor, e como si marchasse para a guerra do *pega p'ra Frangulley's & Cia.*

**

O joven Fredovino Sant'Anna, despeitado por motivos particulares entre elle e um dos nossos companheiros de redacção, fez deste ultimo uma critica, verdadeira calunia, dizendo que este nosso amigo havia namorado a mulata por quem elle, Fredovino (isso elle não disse) está doido de paixão.

Calumniador, como todos os que compõem a redacção do *pega-capengas*!

Entretanto o celebre Fredovino é quem fez presente á *ella* de uma bandeja de doces, no dia do anniversario d'ella.

Puro despeito. Agora, perguntamos aos nossos leitores: quem é o despeitado? E os nossos leitores logo nos responderão: é o

Fredóvino, o incansável companheiro dos amigos da mentira.

Hom'essa! Até o Juvencio é jornalista!!!

Mas, coitado... Quando, um dia desses, ia passando no «Oliveira Bello», alguém gritou-lhe:

— «Chinez, o boi te mata!»

E elle perdeu toda a portagem que havia conseguido para o seu *vendedor*, pondo-se então a gritar também:

— «Tresento lise; tresento lise!»

* * *

Com a saída do *pega-nada* novos horizontes se abriram a poetas e jornalistas até então desconhecidos; foi então que o nosso amigo Antônio Viana, querendo experimentar a labuta jornalistica, entrou! Elle entrou, sim; mas foi obrigado a voltar, si não quiz apoderar por não sustentar o que disse no jornal.

Acordou ao nosso amigo... que acontece com os artistas de baixo mérito que, ao entrarem no palco, vêm entusiasmados, voltando logo suas vaidades dos espectadores.

Esses *jornalistas*...

* * *

Para encerrar, um dialogo:

— Então os redactores do *pega-pega* brigaram lá com os outros?

— Isto...!

— Sim... E foram chorar no ponto das caras...

— Isto... Parece que não tornarão a briga... que agora... agora são os Antoninhos que cuidam do leme.

K-D-K-S!

Proibição justa

Vai-se proibir, nesta Capital, a passagem de capengas que não usem muletas, pelos jardins e praças principais.

E' uma medida aliás justa, pois que ninguém é encosta.

Cabe, pois, ao *projeto*, combater o projeto, afim de beneficiar o seu redactor chefe Antônio França.

Terra Livre

Mais um intemperato defensor dos sagrados direitos do povo catarinense veiu tomar, a 1º. do corrente, o seu lugar nas fileiras da Imprensa.

Terra Livre é um jornal bem feito, de feição moderna, que muito nos honrará fóra de nossa terra.

Accepte, pois, o novo collega, os nossos mais fervoros s votos de felicidades.

Olá... um achado?!

Um dos nossos *embusteiros* amigos teve a *audácia* de nos entregar um bilhetinho achado á rua Conselheiro Mafra, que minuto nos agradou pelo seu estylo.

Illustre-me, representastes com perfeição a comédia do amor e agora arranjastes outro para teres a satisfação de me fazermos?

Não creias nisso; ingenua... Não sabes que a ilusão não alimenta morre?

Do teu ex-apixonado

A. A. A.

Como vê o nosso amor não tem ciúmes, não! que coração duro!

Cousas...

Diz ai os «filhos da Candelária» que o José... é tão tolinho por ai... que nem quer vê, quando anda aci... que olha... olha... e mais alguma...

Ora, seu João, deixe-se de tolices.

* *

Ora... o Avelino do Café Família! O Avelino Ascedo, hom'essa! Andava enladrado por uma morena da Bahia... que doidos!

E o mais interessante é que *ella* é um pouco indefferente aos seus galanteios. Tinha noite desses, enquanto elle a esperava em frente a fabrica, ella entrou n'un baile, onde namorava, é vontade, Nicola...

E' ter sorte, seu Avelino!

A litteratura cá e lá...

Estamos em guerra com os *bocches* e visto está que, dentro de breves dias, iremos partilhar dos horrores das batalhas, nos campos europeus. Nos campos europeus dizem uns: nos desertos africanos, dizem outros. O facto é que iremos; iremos, sim, e porque não? Acaso também não temos *bocches* e *tripas* para serem torrados?

Mas... diabo! Vamos ao fim do nosso artigo, homens!

Pois é isso: temos de ir, em breve. Ora, visto está ainda que para já irão também (que pena!) os «novos» da litteratura catharinense, de «ombros armaz», pennas sobre as orelhas, ao som d'um dobradinho, escripto a propósito, o qual se chamará—estamos bem informados—*A caminho do fandango*.

Mas supponos que vamos para a África, e, por isso, os nossos «novos», os litteratos *cá de casa*, os belletristas e poetas da nossa terrinha, já projectaram o que vão fazer.

Reuniram-se, no jardim Oliveira Bello, e combinaram o *negócio*. E o *negócio* é sério, olhem bem!

— «Lá»—diz o alto e fino João Melchiades—«lá eu escreverei uma obra de estudos scientificas sobre o sangue das pulgas dos elephanthes».

— «E eu»—diz d'um cantinho o Nicolau Nagio—«vou fazer, em canhão obra, sobre o canal do Panamá que, como sabem, divide o deserto de S. Lourenço».

— «Ah!»—exclama o Nicanor Almeida,—«se vocês escreverem, porquê não escreverei eu também, versal, folhado, uma frondosa arvore, que daqui em diante devorar existir bem no meio do deserto? E é uma madeira, hein!»

Estupefactos, todos os presentes haram. Que descoberta inopinada!

Ora, ouvindo isto, o Dr. Neves também não quis ficar no canto; levantou-se bruscamente e falou:

— «Pois olhem»—diz o Dr.—«e eu escreverei umas 600 páginas, folhando as dimensões da *beigola*: da gente habitantes da África...»

Homenagem d'«A Crise»



O autor das «bellissimas» estrofes «Morreu A Crise», publicadas pelo O Pequeno Jornal.

E nisto ficou combinado, entre os novos o que devem fazer na África—ou mesmo na Europa—, sem se lembrarem dos *zeppellins* e dos gaseos expixiantes que, digamos também—se originam no Canal da Mancha...

E, por hoje, é só.

O Juquinha

Em guarda!

Tem sahido, sempre, com regularidade (em grypho, heim) o já celebre jornal da firma Juvencio Silva, Antonio, ou melhor—Antonio Vianna e Frangulieys, Fredovino Sant'Anna & Cia.

Sempre, tem sido o mesmo: como se diz vulgarmente, «pelo fructo se conhece a arvore» e, assim, pelo alludido jornal, fiese conhecendo patentemente quem são ou quais os atributos dos moços que se redi-

A CRISE

gem; esses atributos — é pena dizer-o, mas é a bem da verdade — não são nada bons: só calunnia, intriga e mentira, além de incompetência para a direcção d'um jornal, mesmo d'um pasquim como aquele.

Sim; o *pega-tudo* é mais do que isso, é um papel sujo de tinta de impressão.

Não o tememos, em terreno nenhum; si permanecemos calados até hoje, foi porque o nosso jornal não podia ser feito em typographia nenhuma desta capital, obrigando-nos isso a recorrermos ao interior.

E, agora, vamos ver quem são os que fallam e brigam, no *pega-tudo*.

Nós não morremos, ó seu *pega-tudo*; estamos dispostos a contínuar... E evitado connosco, heim!

quando a sua calumniasita, mentindo-se, dando-se unhas e picadas de alfinetes nas reputações alheias.

A intriga anda por toda a parte, vai-as salas onde se toma chá para as alcovas matrimoniaes, estende-se até a cosinha, as criadas pegam-lhe — um della meia hora, depois atiram-na — para o sagrário, os homens do lixo também — pegam e fallam della, mas nunca a intriga apareceu ao grande sol.

Falla-sé d'ella em voz baixa quasi em segredo.

Toda a gente tem medo de sujar-se, como a ontece com o nitrato de prata, que deixa manchas pelos dedos...

Há individuos que têm no sangue o microbio da intriga...

Prendas raras

Nas prendas que o *pega-tudo* expôz ao publico domingo passado pelo theatro de um seu redactor muito paulificante, juntamente faremos outras taes como: o penteado do Antonio Frangulley, o bêbê Fredovito, Sant'Anna, o chinez Juvencio Silva e o magro Antonio Vianna.

O chinez vale a pena, do seu arrumadado expondo diversos serviços artisilicos, como uma taça de frango, que elle lhe oferecerá.

O Antonio Frangulley fará presente de diversas obras do seu inesquecivel *talento*, taes como: scenas dramaticas, versiculos e um livro de tres volumes sobre a sua viagem a Pelotas.

I. S.—Essas prendas são offerecidas em beneficio do *pega-asneiras*.

A INTRIGA

(A' attenção dos redactores do «*pega-tudo*»)

A intriga é uma cousa molle, viscosa, nojenta, um tanto muito parecido com as lesmas, que andam andam babando as couves.

A intriga é um exclusivo das pequenas sociedades que se matam horas dizendo-se maldades uns aos outros quando em

Está no leilão

a finura do João Melchiades;
a vingança do Virgulino Goulart;
o despeito do Fredovino;
a penitualidade do Octavio Guimarães;
a constancia do João Puerta;
o caradurismo do Euclides Mafra;
a tristeza do Octaviano Lamarque;
a cabelleira do Porphirio;
o nariz volumoso do Edú Cabral;
as pernas do Nicoliche;
a dança eterna do Roberval;
um torpedo do subinariño Arthur Fernandes;
a pose do Emmanuel Linhares ao lado de sua pequena;
um terno usado pelo Nelson Almeida;
a paixão do Avelino Azevedo;
a nova dentadura do Ildefonso Coutinho;
a boeca do Loló Coutinho;
a larga cara do Manoel Simas;
o corpinho curto e grosso do Narinho;
o andar apressado do Nicola S.;
o canígo do Fábio;
o ultimo numero do *pega-asneiras*;

Tudo isso será vendido, a preços reduzidos, ao correr do martello, que ficará ao cuidado do leiloeiro Antonio Frangulley.

(Imp. na Typ. d' A Comarca — Pôrto Alegre)